

O Globo

16/5/1984

Morte, saque e depredação em protesto de bóias-frias

GUARIBA, SP — Terminou com um morto e 19 feridos a tiros e pedradas o protesto de sete horas de quatro mil cortadores de cana de cinco usinas da região. Os manifestantes depredaram e incendiaram dois prédios da Sabesp, danificaram quatro veículos queimando três deles, e saquearam o supermercado central da cidade, causando ao proprietário prejuízos calculados em Cr\$ 150 milhões.

Os bóias-frias só se dispersaram quando chegou pelotão de choque do 13º Batalhão de Polícia Militar de Araraquara, com 200 homens fortemente armados que usaram bombas de gás e cães para dissolver a manifestação. O protesto era contra as altas taxas de água cobradas pela Sabesp e exigia mudança no sistema de corte de cana, de sete para cinco ruas, como era anteriormente.

O protesto começou por volta das 5 horas da manhã quando um grupo de manifestantes impediu a saída de 20 turmas de trabalhadores para a Usina São Martinho, de Pradópolis. Eles cercaram os trevos da cidade e impedindo também a saída dos trabalhadores para as Usinas Santa Luzia, de Matão, Santa Adélia e São Carlos, de Jabuticabal, e também para a Usina Bonfim, a única do município.

PEDIDO DE REFORÇO

O Presidente do Diretório Municipal do PMDB, Clóvis Amorim, que é dono do supermercado saqueado, sabendo do clima na cidade e temendo um saque, começou a pedir reforço policial desde cedo, mas não entendeu por que ele só chegou muitas horas depois.

Por volta das 7h30m, entre três a quatro mil manifestantes (que não tinham ido trabalhar no corte da cana) decidiram protestar contra as taxas da empresa responsável pelo serviço de água e esgoto — a Sabesp, do Governo do Estado. Com pás, picaretas e pedras, começaram a destruir e em seguida atearam fogo no escritório central da Sabesp. A guarnição local da Polícia Militar, assustada, nada fez, esperando a chegada de reforço. Eles destruíram máquinas de escrever e 4.300 avisos que seriam distribuídos boje aos usuários. Muitos saíram com os avisos na mão. Em seguida, caminharam mais 500 metros e repetiram a mesma operação na casa de bombas da Sabesp, danificando duas bombas de recalque.

A luz foi cortada e os 20 mil habitantes começaram a sentir medo ante o aumento do vandalismo: um caminhão Mercedes e uma camioneta D-10 da Sabesp foram incendiados.

Por volta das 10 horas, os manifestantes se concentraram principalmente na Praça Cônego Celso Bastos, defronte a Igreja e ao lado do escritório central da Sabesp. Foi quando chegou o batalhão da PM de Araraquara, com cães e bombas de gás lacrimogêneo. A presença dos policiais em vez de acalmar a situação, serviu apenas para instigar ainda mais os ânimos: os manifestantes respondiam com pedradas às bombas de gás lacrimogêneo e a polícia começou a atirar a esmo.

Clima tenso

A cidade nunca tinha vivido um clima como esse: nas entradas, a Polícia Rodoviária impedia a entrada e saída de pessoas, e até mesmo a imprensa só era liberada com o aviso de que não teria responsabilidade se algo acontecesse. O comércio desde cedo havia fechado as portas e, com o início do tiroteio, os moradores corriam para dentro de suas casas.

Dezenove pessoas ficaram feridas com tiros nas pernas, nos braços e na cabeça. Amaral Vaz Melone, aposentado com mais de 60 anos, que segundo a Polícia estava assistindo à distância, caiu morto com um tiro.

A Polícia, sentindo a gravidade da situação, deixou o centro da cidade. Foi quando alguém dirigiu os manifestantes para o supermercado e eles começaram o saque, carregando alimentos, eletrodomésticos, material de limpeza etc., além de quebrar o estabelecimento internamente, destruíram também uma Kombi e atearam fogo em outra. Só por volta das 11 horas o choque do 13º Batalhão da Polícia Militar de Araraquara, com escudos, cassetetes, revólveres e até metralhadora, conseguiu dispersar os manifestantes. Os soldados cercaram a praça central e vasculharam as ruas principais, onde ficam os bancos e casas comerciais, controlando a situação.

— Não se pode responsabilizar ninguém, a não ser à fome que bateu à porta dos trabalhadores — afirmou o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Benedito Vieira de Magalhães. Para ele, além da fome, o sistema de corte de sete ruas desgasta muito o trabalhador, que "ainda é obrigado a pagar uma taxa de água e esgoto muito elevada".

Reclamações

O trabalhador Luís Bueno, de 30 anos, da Usina São Carlos, solteiro, que morava em São Paulo e veio cortar cana porque ficou desempregado, conta que os trabalhadores, além da mudança do sistema de sete ruas, querem receber, diariamente, após a jornada de trabalho, uma nota com o total ganho no dia.

Agnaldo dos Santos, 24 anos, que mora com mais três pessoas numa mesma casa, mostrou seu aviso de água, no valor de Cr\$ 68 mil, embora o gerente local da Sabesp, Carlos Alberto da Rocha, Vereador do PMDB, garantia que 60 por cento da cidade pagam taxa mínima.

Como a Polícia encontrou um saquinho de formicida junto à bomba d'água da Sabesp, há suspeita de envenenamento da água. Mas o Administrador da empresa de Franca, José Stefanis, garantiu que não existe esse problema. Admitiu, porém, que 12 funcionários passarão a noite junto aos reservatórios, analisando a água e toda a rede de distribuição. O gerente local da Sabesp que também pediu um laudo à Cetesb, teme que os ânimos possam se exaltar novamente hoje se a empresa não puder distribuir regularmente a água.

Além da morte do aposentado Amaral Vaz Meloni, com mais de 60 anos e de família tradicional, a Polícia registrou um total de 19 feridos, que foram atendidos pelo hospital local, pelo de Jabuticabal e no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. O Tenente José de Aguiar e o Sargento Brás Antônio de Deus foram feridos com pedradas e estão internados em Araraquara. Em estado grave, está internada no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, com uma bala no tórax Dona Izilda Bezerra. Também Osvaldo José Maria, trabalhador, foi ferido com um tiro na cabeça.

Apelo

No início da noite de ontem, o Governador Franco Montoro dirigiu um apelo aos usineiros de Guariba, no sentido de que atendam às reivindicações dos trabalhadores rurais.

— Peço a compreensão dos usineiros para que nos ajudem a encontrar uma solução, que representaria um pequeno sacrifício para eles, mas daria uma saída justa e humana para os nossos trabalhadores, que são os grandes sofredores — apelou o Governador.

O secretário do Governo, Roberto Gusmão, que acompanhava do Palácio dos Bandeirantes a evolução dos acontecimentos, lembrou que ontem à noite os contadores de laranja do

município de Bebedouro teriam uma assembléia para reivindicar, melhor remuneração para seu trabalho, mas disse estar certo de que não ocorreriam novos incidentes e que os proprietários atenderiam os trabalhadores. Comentou a alta dos preços do suco de laranja no exterior para justificar sua expectativa.

O comandante do Policiamento do Interior, Cel. Bonifácio Gonçalves, em entrevista, disse que "a priori, os policiais não sacaram suas armas". Segundo ele os PMs estavam munidos apenas de cassetetes e bombas de gás. Contudo, não afastou totalmente possibilidade de os tiros terem partido da Polícia e anunciou a instauração de inquérito policial militar para apurar excessos.

Em Bebedouro

Um grupo de 500 colhedores de laranja impediram ontem pela manhã, em Bebedouro que dez caminhões de transportes de bóias-frias de laranja fossem para os pomares. Eles estão reivindicando um aumento de Cr\$ 60 para Cr\$ 200,00 por caixa de laranja colhida durante a safra, que se intensifica a partir de julho. Grupos de trabalhadores chegaram a causar danos nos caminhões e teme-se que a situação se agrave hoje, pois há alguns dias os colhedores de laranja decidiram, em assembléia, que estão em estado de pré-greve. O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José Nunes do Nascimento, disse que o movimento não contou com o seu apoio e por isso decidiu divulgar comunicado, através das rádios da cidade, pedindo que os empreiteiros não levem hoje os bóias-frias para os pomares.

Os trabalhadores fizeram uma assembléia com quatro mil pessoas no último sábado e querem que as empreiteiras contratadas pelas indústrias de suco negociem o aumento já.

As empreiteiras, entretanto, se dispuseram a dar aumento de Cr\$ 60 para Cr\$ 100,00, e os trabalhadores deram um prazo até sexta-feira para as empreiteiras apresentarem outra proposta. Assim, o movimento de ontem causou estranheza para o Prefeito de Bebedouro, Sérgio Stamato, citricultor e diretor da Indústria Frutesp.

Reunião

Depois de três horas e meia de reunião ontem à noite, os usineiros e fornecedores de cana da região de Jaboticabal e Guariba aceitaram retornar ao sistema de cinco ruas para o corte de cana, e não sete, conforme reivindicação dos trabalhadores rurais. Participaram do encontro, realizado no Sindicato Rural (Patronal) de Jaboticabal, o Secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, o representante da Federação dos Trabalhadores Rurais, Hélio Neves, do Sindicato dos Trabalhadores de Jaboticabal e Guariba, Benedito Magalhães e os representantes de fornecedores e usineiros.

Guariba, a 50 quilômetros de Ribeirão Preto, tem cerca de 20 mil habitantes e sua economia depende inteiramente do plantio e industrialização da cana-de-açúcar. Calcula-se que na cidade vivam de oito a dez mil trabalhadores, a maioria bóias-frias, que prestam serviços principalmente para cinco usinas: a Bonfim, que é do município, Santa Luiza (Matão), São Maninho (Pradópolis), Santa Adélia e São Carlos (Jaboticabal).

A cidade tem pequenas indústrias e comércio ativo e muitas pessoas com qualificação profissional trabalham no setor industrial das usinas da região. Apesar de ser uma cidade aparentemente agradável de se viver, é um município considerado pobre por causa das condições em que vivem os trabalhadores na periferia da cidade.

Guariba tem até um hospital regional modelo, construído pelos plantadores de cana, e que atende também trabalhadores. As cinco principais usinas ligadas à cidade deverão moer este ano cerca de 12 milhões de toneladas de cana colhidas em dez municípios da região.

Segundo as usinas, a média salarial de um trabalhador que corta cana, mesmo sem registro, vai de Cr\$ 160 a Cr\$ 250 mil por mês. As usinas estão pagando Cr\$ 1.200,00 por tonelada de cana cortada, e a média da região, por trabalhador, é de seis toneladas de cana por dia.

(Página 6 — O PAÍS (2º clichê))